



EIXO TEMÁTICO:

- | | | |
|--|---|--|
| <input type="checkbox"/> Ambiente e Sustentabilidade | <input type="checkbox"/> Crítica, Documentação e Reflexão | <input type="checkbox"/> Espaço Público e Cidadania |
| <input type="checkbox"/> Habitação e Direito à Cidade | <input type="checkbox"/> Infraestrutura e Mobilidade | <input type="checkbox"/> Novos processos e novas tecnologias |
| <input checked="" type="checkbox"/> Patrimônio, Cultura e Identidade | | |

Projetos contemporâneos em ruínas: o passado compartilhado no presente

Contemporary designs in ruins: the shared past in the present

Diseños contemporáneos en ruinas: el pasado compartido en el presente

DINIZ, Luciana Nemer (1)

(1) Professora Doutora, Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, RJ, Brasil - Pós-doutoranda, Universidade Federal do Espírito Santo, UFES - PPGAU, Vitória, ES, Brasil; email: luciana_nemer@ig.com.br

Projetos contemporâneos em ruínas: o passado compartilhado no presente

Contemporary designs in ruins: the past shared in the present

Diseños contemporáneos en ruinas: el pasado compartido en el presente

RESUMO

A ruína é o elemento propositor e instigador do início do processo de reabilitação do edifício e permite que o passado seja compartilhado no presente.

Embora existam críticas relacionadas às escolhas estéticas realizadas na restauração arquitetônica ao uso de materiais inadequados na construção, bem como a ausência de um procedimento de escavação arqueológica com maior rigor, têm se multiplicado nos últimos anos a opção por uma reconstrução histórica em vez de um projeto novo e funcional.

As soluções de reconstruir o edifício mantendo ou não a função arquitetônica original ou ainda de consolidar a estrutura usando materiais contemporâneos que permitam a visualização da obra ao mesmo tempo em que a protejam, tem sido adotada interrompendo o processo de degradação ao momento da nova intervenção. Tais soluções serão analisadas no presente artigo utilizando como referência as obras do Parque das Ruínas, do Santuário do Caraça e da Pinacoteca.

O estado arruinado do Convento São Bernardino o transformou num bem cultural a ser consumido, em um cenário de fotos e destino turístico. Tal condição será explorada no texto visando, independentemente da proposta, a valorização da ruína, como objeto de culto e nostalgia pela sociedade e sacralização do saber técnico pela academia.

PALAVRAS-CHAVE: arquitetura, projeto, restauração, ruína

ABSTRACT

The ruin is the first and the most instigator element of the start of the building rehabilitation process and it allows that the past to be shared in the present.

Although there are criticisms related to the aesthetic choices made in architectural restoration, the uses of inappropriate materials in the construction, as well as the absence of more relevant dig archaeological procedure, during the last years, the choice for a historical reconstruction rather than a new and functional project has been adopted.

The solutions to rebuild the building maintaining or not the original architectural function or to consolidate the structure using contemporary materials which allow the visualization of the work while protect it, has been used to interrupt the degradation process of the new intervention. Such solutions will be analyzed in this paper using as a reference the works of Ruins Park, the Sanctuary of Caraga and the Pinacoteca.

The ruined state of the Convent of San Bernardino transformed it into a cultural commodity to be consumed, scenery of photos and tourist destination. This condition will be explored in this paper in order to, regardless of the proposal, appreciate the ruin as an object of worship and nostalgia by the society and a kind of sacralization of technical knowledge by the academy.

KEY-WORDS: architecture, design, restoration, ruin

RESUMEN

La ruina es el elemento proponente e instigador del inicio del proceso de la rehabilitación del edificio y permite que el pasado sea compartido en el presente.

Aunque existan críticas relacionadas con las elecciones estéticas realizadas en la restauración arquitectónica al uso de materiales inadecuados en la construcción, así como la ausencia de un procedimiento de excavación más estrictamente arqueológico, se han multiplicado, en los últimos años, la opción para una reconstrucción histórica en lugar de un proyecto nuevo y funcional.



Las soluciones para reconstruir el edificio manteniendo o no la función arquitectónica original o para consolidar la estructura utilizando materiales modernos que permitan la visualización de la obra mientras que la proteja, se han adoptado para interromper el proceso de degradación en el momento de una nueva intervención. Este tipo de soluciones se analizarán en el trabajo utilizando como referencia las obras de Parque das Ruínas, del Santuario de Caraga y de la Pinacoteca.

El estado en ruinas del convento de San Bernardino le transformó en un bien cultural para ser disfrutado, en un paisaje para sacar fotos y en un destino turístico. Esta condición se explorará en el trabajo con objetivo, independientemente de la propuesta, de apreciar la ruina como un objeto de culto y nostalgia por la sociedad y como la sacralización de conocimientos técnicos por la academia.

PALABRAS-CLAVE: *arquitectura, diseño, restauración, ruina*

1. INTRODUÇÃO

O presente foi escrito após a orientação de trabalhos finais de graduação que optaram pela utilização de ruínas para o desenvolvimento do projeto, tal opção ocorreu pela associação da busca da centralidade urbana, mas principalmente pela motivação do resgate da história, das técnicas construtivas e a possibilidade de dar nova vida a edificação. A observação atenta a estas questões estimulou a pesquisa sobre o assunto.

O artigo pretende uma reflexão a respeito de projetos desenvolvidos atualmente em edifícios arruinados que já não possuíam a capacidade de abrigar qualquer função arquitetônica. Anterior a análise, o registro de conceitos, busca embasar a questão proporcionando o conhecimento de discussões precedentes.

O As ruínas são registros vivos da arquitetura de um lugar, pelos seus elementos tipológicos e estruturais é possível descobrir aproximadamente a data de construção do edifício. Alinhamentos, presença de jardins, posição dos cômodos permitem redesenhar projetos e são elementos fundamentais no resgate histórico da edificação. Os materiais construtivos empregados complementam o conjunto de informações necessárias para a documentação e a promoção de ações de preservação.

A ruína é tudo aquilo que é testemunho da história humana, mas com um aspecto bastante diverso e quase irreconhecível em relação àquele de que se revestia antes (BRANDI, 2004).

A aparência é mais um aspecto que representa um estágio em que o edifício já não apresenta suas defesas como cobertura, portas e janelas. Já se perderam pisos e paredes o que certamente enfraqueceu a estrutura do mesmo. Embora testemunho muitas vezes de centenas de anos este não sobreviverá indefinidamente sem medidas de proteção.

No momento que é proposta a reabilitação de uma ruína esta deixa de ser um *achado arqueológico* (MENEQUELLO, 2008) e passa a ser o ponto de partida para o projeto.

Na linha de Ruskin, MELLO (2012) propõe a manutenção das ruínas e não sua restauração, a sua conservação tal como se encontra no presente, sob a ação do tempo e a ação depredatória humana, o que sustenta uma postura preservacionista atuante e responsável, ao mostrar com clareza o produto desta relação de uso e de interferência. Segundo esta autora a consolidação das ruínas visualiza a possibilidade de transformá-las em um grande laboratório de estudos avançados sobre a sociedade local e suas heranças constitutivas.



Mas, na maior parte dos casos o patrimônio é definido dentro de uma motivação de reinvenção do passado e, para ser reinventado necessita de uma materialidade, nem que essa mesma materialidade seja também criada.

2. RUÍNAS: CONCEITO E EVOLUÇÃO

A ruína é o bem material fruto da intervenção humana no passado que é legado a sociedade do presente, da mesma forma edifícios do tempo atual num futuro podem-se encontrar também em estado de ruína, é a ação dissolvente que o tempo exerce sobre todas as coisas naturais e artificiais (CHOAY, 2001).

Ruínas de todos os tipos de construção se espraiam por todo o país em áreas rurais e centros urbanos e são uma parte importante do nosso patrimônio nacional. Edifícios que apesar de terem “sobrevividos”, às vezes centenas de anos, não vão sobreviver indefinidamente sem cuidado e atenção periódicas.

A preservação das ruínas e as marcas do passado foram a causa do surgimento do patrimônio, o olhar para o passado que cataloga e coleciona. A autora também constata a energia emocional existente na ruína, independente do apoio da história objetiva. (MENEGUELLO, 2008)

A ruína possuidora do caráter simbólico da finitude humana encerra a função do edifício como abrigo, porém inicia a possibilidade de estudo e torna-se a materialização de “material educativo” representante da história de determinado período. Nesta linha a ruína não é fim e sim início.

A ruína é, em si, um modo de conhecer o passado. A percepção das relíquias, aparentemente, é tornada mais simples pela clara diferença entre as ruínas e o mundo atual, entre seus materiais e modos de representação tão diversos e tão ambicionados pelos atuais. As ruínas atendem às funções de antiguidade, continuidade, finalismo e seqüência do passado, ou seja, não somente colocam aquele que as admira como herdeiro daquela criação como une dois momentos, passado e presente, de forma indelével (FORTUNA, apud MENEGUELLO, 2008, p: 84).

O poder de evocação do passado transmitido pela ruína pode ser atribuído ao conhecimento da história, mas também a possibilidade do espectador viver além da representação pictórica ou escultórica, na ruína, a quarta dimensão, o tempo para percorrê-la e recriar o edifício ou “arruiná-lo” ainda mais. Pelas condições físicas oferece a ruína à idéia de espaço aberto em desconstrução o que estimula exercícios criativos espaciais. O passado é revisitado num caminho de nostalgia/regressão ou um futuro é imaginativamente criado a partir da situação degradada do presente.

A importância das ruínas medievais e de sua manutenção para a sociedade moderna motivou a criação das primeiras sociedades para proteção de edifícios antigos (MENEGUELLO, 2008).

No século XVIII as ruínas romanas foram entendidas pelos visitantes como o traço de arquitetura com maior poder de evocação do passado, imbuída na origem de sua apreciação da transitoriedade dos poderes terrenos e a debilidade das conquistas humanas (HASKELL, apud MENEGUELLO, 2008).

A idéia de local segregado a ser preservado é atribuída à ruína somente no século XIX quando são *ressignificadas* (MENEGUELLO, 2008). No mesmo período segue a autora lembrando que o *pittoresco* associado à estética e cultura vinculada à apreciação da natureza, do passado



incluía as ruínas arquitetônicas. Ainda neste século as ruínas começam lentamente a ser acessíveis e associadas ao lazer da cidade.

A literatura também divulgou a estética das ruínas, o romantismo da virada do século XIX. Ruínas e castelos compunham cenários para os romances e contos despertando nos leitores o interesse pelos edifícios do passado e pelo seu adiantado estado de ruína.

As linhas de pensamento de Viollet-le-Duc (francesa) e Ruskin (inglesa), antagônicas com relação à conservação, são entendidas como modelos. Para MENEGUELLO (2008) os franceses atingem efetivamente a memória histórica enquanto os ingleses chegam apenas à memória afetiva e piedosa. Enquanto Viollet-le-Duc afirmava que: “restaurar um edifício não é apenas preservá-lo, repará-lo ou remodelá-lo, é trazê-lo de volta a um estado completo tal que ele talvez jamais tenha estado em nenhum dado momento” (LE-DUC apud MENEGUELLO, 2008, p: 227); Ruskin declarava que: restaurar um edifício era tão impossível quanto ressuscitar um morto e que o passado expresso nos edifícios se equipara as ruínas (MENEGUELLO, 2008).

Tais eixos de pensamento revivem nos projetos contemporâneos de escritórios de destaque nos quais as ruínas são o ponto de partida para o desenvolvimento do trabalho. A busca que agora se segue propõe-se a demonstrar em tais intervenções a valorização da história, a análise crítica e a solução adotada.

3. PROJETOS CONTEMPORÂNEOS EM RUÍNAS

Seguindo as linhas de Le-Duc ou Ruskin as seguintes soluções formais têm sido adotadas em ruínas: reconstruir o edifício mantendo ou não a função arquitetônica original ou ainda consolidar a estrutura e utilizar materiais contemporâneos que permitam a visualização da obra ao mesmo tempo em que a protejam, interrompendo o processo de degradação ao momento da nova intervenção.

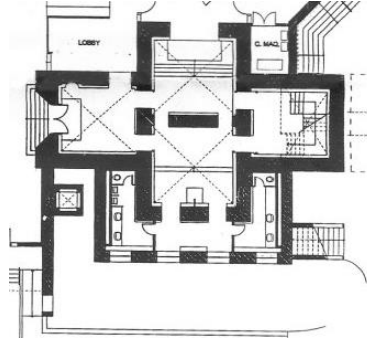
3.1. PARQUE DAS RUÍNAS

A residência que originou o Parque das Ruínas foi propriedade de um ministro do governo Campos Sales. Em 1911 passou a herdeiros que a partir de 1930 realizaram sucessivas reformas de autoria dos proprietários. Com o falecimento destes o imóvel foi abandonado, saqueado, ocupado por mendigos e traficantes e finalmente chegou ao estágio de ruína.

A casa construída na final do século XIX, que não era tombada (FREIRE, 2011), localiza-se no bairro de Santa Teresa no Rio de Janeiro e apresenta uma planta em cruz de inspiração *Palladiana* como pode ser observado na figura 1.

O Parque das ruínas é criado em 1993 pela PCRJ. O Ministério da Cultura participou do convênio para desenvolvimento do projeto para o parque que ocorreu em 1995 (FREIRE, 1998). Este tem uma abordagem de micro-urbanismo envolvendo duas edificações e o parque que foi reciclado.

Figura 1: Planta do Semi-enterrado



Fonte: PPGAV – EBA – UFRJ, 2010

O edifício, através de passarela metálica (figura 2), é ligado ao Museu da Chácara do Céu situado no terreno ao lado do qual se tornou anexo.

Figura 2: Edifício e passarela



Fonte: PCRJ

“O conceito de intervenção buscou tratar a ruína tal como ela estava, sem pretender recuperar ou restaurar sua arquitetura original. Procurou-se, na medida das possibilidades preservar o clima, a atmosfera, o mistério, enfim, não espantar os fantasmas” (FREIRE, 1998). Tal colocação refere-se e a própria história da casa com suas festas e movimentação.

O escritório Ernani Freire Associados, autor do projeto, considerou a dignidade da ruína, que como ruína era melhor que a obra que a produziu então, dentre outras decisões, somente alguns vão foram fechados, e apenas com vidro para que não houvesse alteração na luz existente. Por este motivo a iluminação zenital foi mantida e a cobertura foi recuperada com estrutura de aço e vidro (figura 3). Tal transparência permitiu que a vegetação fosse integrada com as alvenarias e vãos históricos.

Na edificação resultante pôde-se resgatar a antiga volumetria utilizando-se para tanto de materiais de construção e acabamento que diferem dos originais da construção destacando-a da intervenção e mantendo a visão do entorno.

Figura 3: Volumetria após intervenção



Fonte: PCRJ

3.2. SANTUÁRIO DO CARAÇA

O Santuário do Caraça originou-se a partir da Ermida de Nossa Senhora Mãe do Homens que foi construída em 1770, nos contrafortes da Serra do Espinhaço em Minas Gerais, a partir da iniciativa de fidalgo português membro da Ordem Terceira de São Francisco. Ainda no século XVIII se tem notícia da construção do edifício do "hospício" destinado à hospedagem de religiosos e romeiros.

Antes do seu falecimento "o Irmão Lourenço doou as terras e o Santuário com a esperança de que a Coroa Portuguesa ordenasse padres que dessem continuidade ao centro e, se possível, fundassem uma casa para educação de meninos" (AFONSO, 2012).

Em 1820 é fundado o Colégio do Caraça e em seguida são realizadas reformas que aumentaram a sua estrutura (dormitórios, refeitório, capela, sala de recreio, depósito e teatro). O conjunto funcionou como colégio durante 148 anos quando interrompe sua atividade em função de um incêndio de grandes proporções que poupou apenas a igreja.

Quatro anos mais tarde é reaberto como Centro de Turismo com o propósito de preservar a memória, e permanece formando religiosos para a congregação. Atualmente sua vocação é o turismo religioso e o ecoturismo.

O Conjunto Arquitetônico, composto pela igreja, casa e claustro dos religiosos da Congregação da Missão, catacumbas, ruínas do antigo colégio, museu, biblioteca, pousada e anexos de serviço, foram tombados pelo SPHAN em 1955, segundo processo nº 0407-T-49, inscrição 309 no livro Histórico e inscrição 015-A no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico (ABREU, 2001).

O Santuário, assim como a arquitetura religiosa de mosteiros e conventos, tem como principal característica o claustro, o pátio interno, com varandas laterais e jardim central. Construção de linhas horizontais com duas alas laterais a igreja (figura 4), estas expandidas em seu comprimento no século XIX (de seis para onze janelas).

Figura 4: Fachada frontal do conjunto



Fonte: Afonso

A atual igreja neo-gótica em cantaria, construída em substituição à antiga capela barroca demolida, destruiu em parte a impressão de horizontalidade, pelas linhas verticais adotadas. De acordo com inscrição em sua fachada, esta é de 1880 e destaca-se pela simplicidade de suas linhas e cuidado em sua execução, sendo considerada pelos especialistas, um dos principais exemplos deste estilo no país (ABREU, 2001).

Dentre os preceitos da restauração foi considerado o valor histórico e arquitetônico do conjunto (bem único e insubstituível) que foi respeitado em seus estilos e materiais, localização dos mesmos e usos adquiridos. As obras de adaptação foram mínimas sendo conservadas as formas externas, a tipologia, a funcionalidade e a destinação dos ambientes.

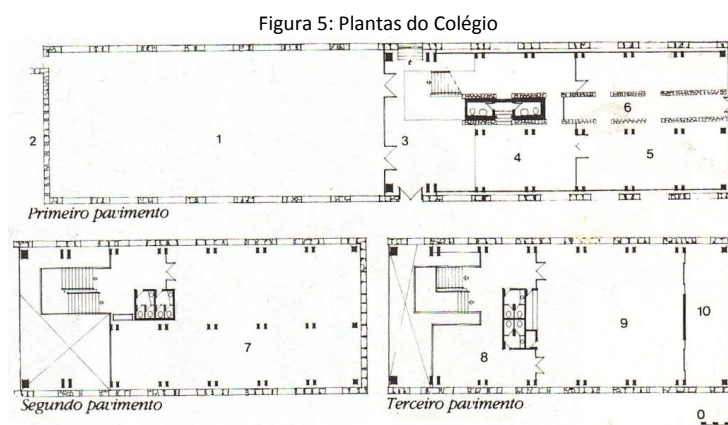
Em função do longo período de existência dos edifícios estes sofreram reformas e alterações que proporcionaram esta longevidade. O Santuário do Caraça é uma obra de grande valor, e sua restauração visou inicialmente à busca de sua "Unidade Potencial" (BRANDI, apud AFONSO, 2012). Não foram realizadas falsificações ou perda dos múltiplos extratos acrescentados ao longo dos anos.

Do conjunto arquitetônico, o claustro e a casa dos padres, se encontravam em pior estado, nestes os espaços da antiga edificação foram adequados às novas condições de uso e conforto, porém, retornando às soluções arquitetônicas originais.

O colégio, que teve a cobertura e parte da edificação perdida, recebeu uma nova de aço, vidro e concreto armado expondo nitidamente cada uma das partes, mantendo a forma e as marcas do incêndio nas pedras.

O projeto nasceu de um impasse: a necessidade de preservar as ruínas exigia escrupuloso respeito, o novo programa para se legitimar a estética e a funcionalidade, devia ser autônomo e flexível. O próprio conflito gerou a unidade. (LEAL, 1992, p: 46)

No primeiro pavimento o pátio (1) é descoberto e no saguão (3), galeria (4) e museu (5) a iluminação é direcionada para as ruínas. O segundo pavimento abriga a biblioteca (7) e o terceiro o auditório (9) de acordo com a figura 5 a seguir.



Fonte: Leal

A forma original do colégio não foi recomposta (figura 6), os novos elementos que justapõe e cobrem de maneira translúcida a parte arruinada do edifício consolidaram a estrutura e pelo fechamento permitiram o funcionamento do prédio.

Figura 6: Colégio após restauração



Fonte: Afonso

A nova função, cultural, convive com a intervenção que mostra os sinais do tempo e conta a história.

3.3. PINACOTECA

O edifício da Pinacoteca de São Paulo situado no Jardim da Luz foi projetado inicialmente para abrigar o Liceu de Artes e Ofícios. Projeto do escritório do arquiteto Ramos de Azevedo foi concebido em estilo neoclássico, linguagem arquitetônica usual para edifícios oficiais do período em questão.

Em 1900 foi inaugurado com a obra inacabada para receber alunos de educação primária e artística e posteriormente ginásial. As oficinas para os cursos técnicos, que eram o objetivo da construção, foram instaladas no porão cujo pé-direito baixo obrigou a transferência para outro edifício vinte anos depois. A Pinacoteca recebe uma sala para instalar a galeria de pintura em 1905, ano que é oficialmente criada, sendo dirigida pelo próprio Ramos de Azevedo até a década de 30.

O arquiteto fez adaptações na edificação como a instalação de uma clarabóia retangular e a pintura lisa para destacar as obras. A obra não foi concluída como atestam os tijolos expostos na fachada e nos pátios internos e na ausência da cúpula sobre o grande salão central (GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, 2014).

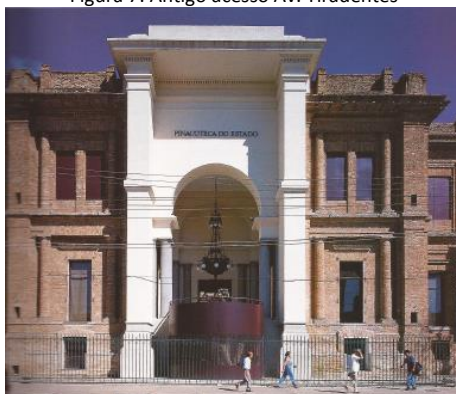
Em 1930 o edifício é cedido para alojar soldados e é atingido por granadas e fuzis. No mesmo ano sofre um incêndio que leva a perda de registros históricos do Liceu. Novamente é requisitado o seu espaço para abrigar o batalhão militar e somente na década seguinte é entregue novamente à Pinacoteca.

A reforma dos anos 70 obrigou a mais um período de fechamento e nos anos 80 o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico promove o tombado do prédio (Resolução 24 de 05/05/1982). Ainda nesta década divide o espaço com a Faculdade de Belas Artes.

Em 1993 o arquiteto Paulo Mendes da Rocha realiza projeto de intervenção para o edifício.

A construção nunca foi concluída em sua totalidade e foi adequada ao uso como museu, portanto não é uma restauração e sim uma requalificação de suas instalações: cobertura dos antigos pátios e transferência do acesso principal para a fachada que limita com a Estação da Luz visto que o acesso original se dava pela avenida agitada e com pequeno afastamento (figura 7) (ROCHA, 1998, p: 62).

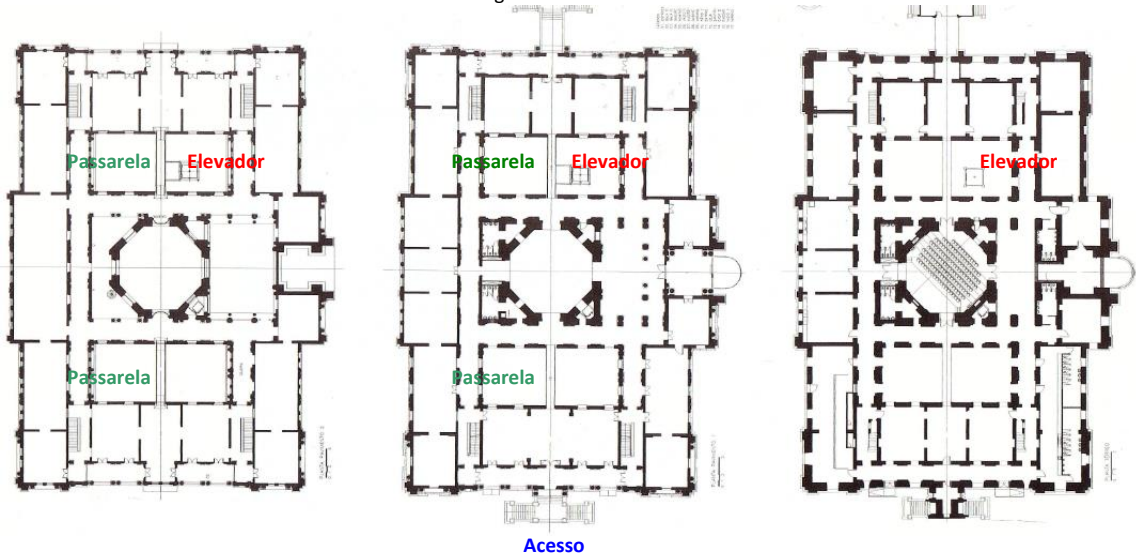
Figura 7: Antigo acesso Av. Tiradentes



Fonte: Rocha

O projeto não alterou a planta original, mas com a instalação de passarelas que atravessam os pátios ofereceu uma nova maneira de percorrer o edifício (figura 8).

Figura 8: Plantas da Pinacoteca



Fonte: Rocha

Em um dos pátios foi instalado o elevador para proporcionar a acessibilidade, o pátio central teve o piso rebaixado para abrigar auditório para 120 pessoas e as clarabóias de estrutura metálica e vidros foram instaladas para proteger os vazios assegurando as condições necessárias para a climatização (figura9).

Figura 9: Pátio interno



Fonte: Rocha

A reforma iniciada em 1995 conservou as janelas das fachadas externas para manter o ritmo do edifício e a iluminação adequada a museus e substituiu as internas por vidros que proporcionou transparência aos espaços e contrastou com a arquitetura. O projeto recebeu no ano 2000 o Prêmio Internacional Mies van der Rohe.

A Pinacoteca é um exemplo pragmático de intervenção arquitetônica não apenas por dar condições materiais a um edifício degradado (numa espécie de *still life*), mas por resgatá-lo do limbo que o seu equivocado e anacrônico projeto classicizante colocou-o, fazendo, depois de praticamente um século, sê-lo o que até então não podia ter sido plenamente: um exemplo singular de edifício consagrado às artes e à cultura (MÜLLER, 2000).

A Pinacoteca foi obra inacabada que sofreu dois sinistros, mas não chegou ao estágio de ruína. Abrigada em edifício adaptado, que passou duas décadas com seu acervo guardado em órgãos públicos, chega ao século XIX com instalações adaptadas aos hábitos contemporâneos em intervenções arquitetônicas "*eminente técnicas*" que aconteceram no interior da obra guardando esta, nas suas fachadas, quase todas as características originais, o que proporciona ao usuário um impacto na percepção estética.

4. A RUÍNA

Existem ruínas que já se tornaram ponto turístico pelo modo como se apresentam: desgastadas pelo tempo.

No século XX, as edificações, em nome da corrida por novas tecnologias e materiais construtivos, têm sobrevivido muito menos tempo, pelas próprias condições da modernidade. Toda a ruína excita o corpo para explorar seus escombros e arredores em busca de um achado. Nas atuais ruínas, já não há nada para explorar, somente para ser explodido. Essa ruína moderna se diferencia de outras. Um edifício antigo sem uso e com fragmentos esparramados nos solo é um belo e nostálgico monumento, ao contrário, é um edifício moderno com placas de concreto celular caídas, é simplesmente um deplorável abandono (ROCHA, 2008).

4.1. CONVENTO SÃO BERNARDINO DE SENA

A construção do primeiro convento dos franciscanos em Angra dos Reis se iniciou no ano de 1653 e foi concluída seis anos depois, esta feita em área alagável também foi bombardeada por forças francesas. Devido aos fatos os frades iniciaram, em 1758, nova construção, o atual Convento São Bernardino de Sena.

Para as novas instalações, concluídas em 1763, a coroa portuguesa doou a pia batismal e o cruzeiro (ambos de mármore) e o portal da porta de acesso (MORANO, 1989). As madeiras, as pedras e cal de mariscos utilizadas na construção foram extraídas do morro de Santo Antônio e das ilhas da baía respectivamente.

Por um século os franciscanos residiram no convento, em número maior nos primeiros anos. Registros informam a existência de senzalas no início do século XIX e do uso de água encanada vinda por um aqueduto (MESSIAS apud MORANO, 1989).

Atribui-se o início do processo de arruinamento a saída dos frades (PESSOA, 2010 e MORANO, 1989). O prédio foi requisitado por autoridades e utilizado como orfanato, colégio e enfermaria. Desde 1879 não foram feitas mais obras de manutenção, duas alas do segundo andar ainda resistiram porém uma delas foi demolida por representar perigo aos visitantes.

A parte conventual mede 48 x 38 metros e possui dois pavimentos (12 metros) e dois claustros (figura 10).

Figura 10: Primeiro claustro

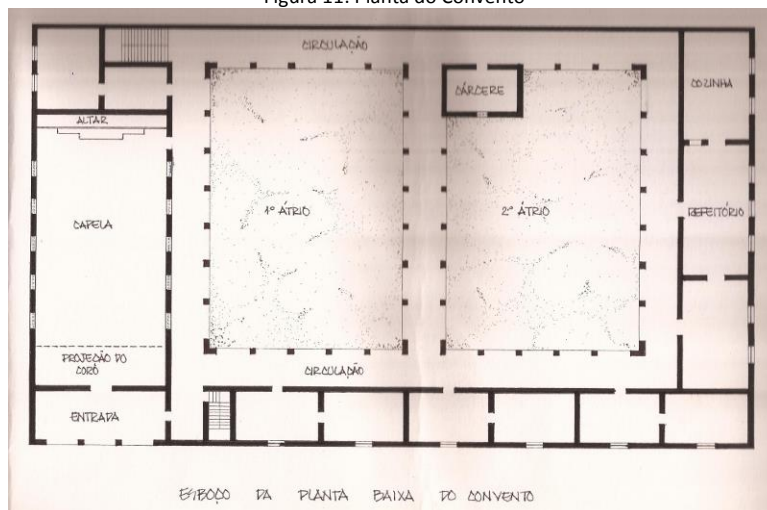


Fonte: Morano

No primeiro andar estavam localizados: cozinha, refeitório, despensa, cárcere entre outras dependências. As celas localizavam-se no segundo andar assim como o arquivo e a biblioteca.

A igreja conventual, contígua ao mesmo (figura 11) apresenta frontão barroco curvo e torre sineira. “O acesso à nave é feito através de galilé. Internamente, o espaço é simples, resultado de anos de arruinamento” (PESSOA, 2010, p: 254).

Figura 11: Planta do Convento



Fonte: Morano

Em 1926 a igreja necessitava de conservação mas ainda se encontravam em bom estado o forro e o assoalho no entanto, a ordem franciscana deixou de rezar missas neste espaço. No ano seguinte, superiores da mesma ordenaram o destelhamento, o desmonte dos altares e a guarda destes materiais na capela-mor que foi vedada com tábuas retiradas do próprio assoalho (MENDES apud MORANO, 1989). Na década de 80 do século passado a igreja teve o telhado refeito.

Na fachada do conjunto e possível observar à esquerda a igreja, na sequência a torre sineira e o convento. As janelas menores correspondiam as celas e as maiores das circulações.

O conjunto foi tombado pelo SPHAN (Processo 0371 – T de 23/07/1947).

Figura 12: Fachada do convento



Fonte: Diário do Vale

Há 25 anos foi iniciado um processo de restauração, a fachada frontal teve o seu revestimento recuperado e as circulações dos claustros estavam sendo cobertas quando foram constatadas rachaduras, neste momento a cobertura é retirada e as paredes atirantadas.

Considera-se necessário um estudo mais aprofundado da necessidade de manter o convento neste estágio pela cultura local já instalada, nessa condição a ruína torna-se motivação para fantasias criativas do espectador que interage como espaço.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“O que seria de um mundo sem registro ou sem ruína?” (RUSKIN, apud MENEGUELLO, 2008, p: 244). Diante do questionamento, na linha de MENEGUELLO (2008) afirma-se que a história preserva o passado que narra e as escolhas são realizadas a todo tempo no presente, estas determinam um terceiro objeto, nem fiel ao antigo, nem ao atual sem interferência.

A intervenção do Parque das Ruínas resgatou a volumetria, no entanto criou uma arquitetura nova nos materiais e nas funções. No santuário do Caraça novas funções são abrigadas no antigo colégio que não teve a sua forma original recomposta. O edifício da Pinacoteca atinge a maturidade funcional, um século após a inauguração, resultado de obras de requalificação. Diante do abandono e de dificuldades técnicas encontradas na obra de recuperação há duas décadas, parte do Convento São Bernardino de Sena continua em ruínas e estas estão abertas à visitação.

As obras analisadas tiveram o projeto de restauração como um problema conceitual dentro das possibilidades técnicas e foram consideradas as reformas sofridas pelos edifícios ao longo da sua história.

Independente da proposta formal adotada conclui-se que todas apontaram para a “manutenção da ruína”, evitando a reconstrução enquanto falso histórico, o que valorizou e perpetuou o patrimônio nacional.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Patrícia Campos de. “*Caraça: a casa dos padres e o claustro - Projeto de restauração*”. Revista Vitruvius – Arqtextos. n. 01, 2001.
- AFFONSO, Juliana. “*Santuário do Caraça*”. Revista Sagarana – Editora Veredas Jornalismo, Belo Horizonte, 2012.
- BRANDI, Cesare. *Teoria da Restauração*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- CHOAY, Françoise. “*A alegoria do patrimônio*”. São Paulo: UNESP, 2001.
- FREIRE, Ernani. “*Obra do tempo – Parque das Ruínas*”. Revista AU - Arquitetura Urbanismo - Pini Editora, São Paulo, n. 78, 1998.
- FREIRE, Ernani. “*O passado repensado – projetando sobre a cidade consolidada - entrevista*”. IAB, Rio de Janeiro, 2011.
- _____. Governo do Estado de São Paulo. “*Pinacoteca São Paulo*”. Disponível em <<http://www.pinacoteca.org.br>>. Acesso em: 15 jul. 2014.
- LEAL, Edwiges. “*Patrimônio – Colégio Caraça*”. Revista AU - Arquitetura Urbanismo - Pini Editora, São Paulo, n. 44, pags. 44 – 48, 1992.
- MELLO, Janaina Cardoso de e BARROSO, Cristina de Almeida Valença Cunha. *Memórias de um passado em ruínas: arqueologia, musealização in situ e educação patrimonial*. In: I ENLETRARTE- Encontro Nacional de Professores de Letras e Artes, 2012, Campos dos Goytacazes, Anais.
- MENEGUELLO, Cristina. “*Da ruína ao edifício: neogótico, reinterpretação e preservação do passado na Inglaterra vitoriana*”. São Paulo: Analume; Fospesp, 2008.
- MORANO, Cássia Andrea Ruotolo et al. “*O Convento São Bernardino de Sena*”. Trabalho Disciplina AB I, FAU / UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 1989.



MÜLLER, Fábio. *“Velha-nova Pinacoteca: de espaço a lugar”*. Revista Vitruvius – Arqitextos. n. 01, 2000.

PESSÔA, José Simões Belmont. *“Convento de São Bernardino de sena e Capela dos Terceiros”*. In: MALCHER, Renata (org.) Patrimônio de Origem Portuguesa no Mundo – Arquitetura e Urbanismo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

ROCHA, Eduardo. *“Os lugares do abandono.”* Revista Vitruvius – Arqitextos. Ano 9, 2008.

ROCHA, Paulo Mendes da. *“Nova Pinacoteca”*. Revista 2G - Revista Internacional de Arquitectura – Editorial Gustavo Gili, Barcelona, n. 8, pags. 62 – 69, 1998.